

A indústria química brasileira e os ventos da economia global

Ao chegarmos no fim do ano, a imprensa e demais setores produtivos começam a avaliar expectativas para 2025. Quando pensamos na indústria química, mais especificamente, na indústria de cloro-álcalis, quais são as previsões para o próximo ano?

Milton Rego (*)

Tentando elaborar uma resposta, diante de tantas incertezas, lembrei de Zygmunt Bauman, um sociólogo e filósofo polonês, autor de livros que se tornaram sucesso no mundo inteiro, como Amor Líquido e Modernidade Líquida. Nessas obras, ele se utiliza da metáfora da liquidez dos tempos atuais, que são fragmentados e incertos, em oposição ao passado, quando as estruturas e relações eram mais estáveis e previsíveis.

Essa é a situação da indústria química brasileira – cada vez mais “líquida”.

Fazer previsões está cada vez mais arriscado. Quando o assunto é a indústria de cloro-álcalis – que produz matérias-primas para diversos outros segmentos da indústria como extração de petróleo, papel e celulose, medicamentos, produtos de saúde, indústria alimentícia, indústria agrícola e outras – alguns fatores são essenciais para elaborarmos um cenário para 2025.

O primeiro deles, naturalmente, é o PIB. O nosso segmento tem elasticidade superior a 1. Significa que ele é impactado mais do que proporcionalmente ao crescimento da economia, notadamente ao desempenho da construção civil. Se o Brasil cresce, a demanda de produtos clorados e de soda cáustica cresce junto.

O segundo fator são investimentos em água e saneamento. Os produtos clorados são primordiais não só para o tratamento da água e esgoto, mas também para as tubulações de PVC. Mas a questão preocupante é a seguinte: a indústria química é composta por longas cadeias.

São empresas que fornecem matérias-primas para outras companhias, que fornecem produtos para outras mais e assim sucessivamente, até chegarem produtos finais de setores como agropecuária, medicamentos, tintas, saneantes, espumas e revestimentos, além de uma miríade de substâncias



FredFroese_CANVA

que contribuem com a produção de papel, alumínio, combustíveis, tecidos, entre outros.

Em paralelo, quando olhamos a indústria química brasileira, vemos uma situação muito desafiadora, a começar pelos impactos da trágica situação no Oriente Médio que continuam escalando e trazendo sempre mais incertezas sobre os preços do petróleo que – que durante a elaboração deste artigo subiu 15% em duas semanas. Isso não seria um fator tão agravante se os preços das matérias-primas da indústria petroquímica no Brasil (nafta e gás) não fossem indexados ao preço internacional do petróleo.

No entanto, o aumento de preços do mercado internacional irá refletir num aumento da diferença dos custos nacionais em relação aos nossos principais competidores, entre eles USA e China, cujas matérias primas têm uma lógica de preços diferente, baseada no custo do shale gas e do gás russo, que aumenta a sua competitividade e, com isso, a participação no nosso mercado doméstico.

As incertezas não param por aqui. Junto com a matéria-prima, a energia não dá sinais de bonança para o futuro. Além das mudanças climáticas, que reduzem a nossa capacidade de planejamento, o preço da energia

não dá sinais de melhora, turbinado pela confusa estrutura regulatória brasileira, cheia de penduricalhos na conta de luz.

Esses dois temas – gás e energia – são fundamentais para diminuir a incerteza da nossa indústria. Sem gás e energia com disponibilidade e preços competitivos, nunca poderemos garantir que a indústria química tenha um futuro sustentável. Isso significa que temos ter uma política industrial que contemple esses dois temas.

Nesses dias, observamos o lançamento do Programa Combustível do Futuro, que prevê que o Brasil evite a emissão de 705 milhões de toneladas de dióxido de carbono (CO2) até 2037.

Porém, é preciso aprofundar a matéria e garantir que esse futuro também chegue para a indústria química; é preciso de uma articulação entre os setores públicos e privados para que a nossa indústria também possa se utilizar das vantagens que o Brasil dispõe em um mundo que, cada vez mais, procura alternativas verdes.

Apenas assim poderemos sair da “liquidez” na qual estamos mergulhados.

(*) - Engenheiro mecânico, economista e especialista em gestão, é Presidente-Executivo da Abiclor e da Clorosur (<https://www.linkedin.com/in/milton-rego-8b78a015/>).

Acordo Mercosul-UE promete impactar preços e compras dos brasileiros

Emanuel Pessoa (*)

Após mais de duas décadas de negociação, o Acordo entre Mercosul e União Europeia (UE) avançou com um entendimento técnico, embora ainda dependa de etapas importantes para sua assinatura e implementação

No entanto, o Tratado já provoca reações intensas, com protestos e expectativas sobre os impactos econômicos, especialmente para os setores produtivos e para os consumidores.

Enquanto 1,5 mil agricultores protestam em Madri contra a “concorrência desleal” do Acordo Comercial que ameaça os produtores europeus com importações mais baratas do Mercosul, o governo brasileiro prevê um aumento de R\$ 94,2 bilhões no comércio com a UE, além de um impacto de R\$ 37 bilhões no PIB, equivalente a 0,34% da economia nacional em 2044.

Em meio às turbulências, é preciso analisar os possíveis impactos do acordo. A redução de tarifas de importação para mais de 90% dos produtos comprados pelo Brasil da UE poderá beneficiar o consumidor brasileiro, especialmente no setor de alimentos e bebidas. Produtos como vinhos europeus, atualmente sujeitos a taxas superiores a 20%, e o azeite, por exemplo, tendem a chegar ao mercado com preços mais acessíveis, ampliando a oferta e impulsionando o consumo.

A concorrência com o mercado chinês, conhecido pelos preços baixos, também será um desafio. Se o acordo tornar os produtos europeus mais competitivos, o consumidor poderá acessar itens de maior qualidade a preços melhores. No entanto, produtos chineses mais baratos devem manter espaço no mercado, e a dependência de insumos industriais da China segue como obstáculo para uma maior substituição.

O barateamento de itens importados certamente influenciará as escolhas dos consumidores, com a qualidade sendo um fator crucial para uma série de produtos. Espera-se que essa mudança no cenário de preços altere o comportamento de compra, com os consumidores tendo a oportunidade de avaliar também a qualidade. O impacto no mercado dependerá, ainda, do quão competitivos os preços dos importados serão e como isso afetará os diversos segmentos sociais frente às novas opções disponíveis.

Por fim, os consumidores brasileiros podem se preparar para as possíveis mudanças no mercado observando as tendências de preços e avaliando a relação custo-benefício. Além disso, os importadores poderão diversificar as fontes de compra, aproveitando a maior disponibilidade de fornecedores que surgirá com a redução do custo de aquisição de produtos importados.

(*) - É advogado especializado em Direito Empresarial, Mestre em Direito pela Harvard Law School e Professor da China Foreign Affairs University.

Sucessão familiar: o preparo para a transferência de liderança

Giordania Tavares (*)

Conforme dados do IBGE, 90% das empresas brasileiras possuem perfil familiar, sendo elas as responsáveis por mais da metade do PIB do país. Ao mesmo passo, dados do Banco Mundial revelam que somente 30% das corporações com esse perfil chegam à 3ª geração e apenas 15% ultrapassam a sucessão de três gerações.

Considerando o contexto, no qual as empresas familiares desempenham um papel extremamente importante na economia do Brasil, faz-se imprescindível refletirmos sobre os motivos pelos quais a maioria das sucessões resultam em fracasso.

Segundo o Sebrae, os principais desafios na gestão dessas corporações são: apego e centralização excessiva de poder, sobreposição de papéis, dificuldade de reconhecer e trabalhar as próprias limitações pessoais, além da falta de um planejamento sucessório adequado.

Neste ponto, é necessário destacarmos que, de acordo com um estudo divulgado no último ano pela Talenses Executive, apenas 33% das organizações no Brasil têm um programa formal de preparação de sucessores para cargos de liderança.

A informação é alarmante se considerarmos o fato de que o preparo para os mais diversos níveis de liderança



é o grande responsável por fornecer ao sucessor as condições cruciais para manter o desempenho do negócio na ausência de gestores.

Aqui, vale o alerta de que o nepotismo e o favoritismo representam um risco significativo nas empresas

familiares, uma vez que a ascensão de parentes devido a laços sanguíneos e não a competências e mestrias, pode comprometer a moral da equipe de modo a afetar negativamente a performance geral.

Neste cenário, a suces-

são familiar dentro das corporações precisa ser cautelosamente delineada, visto que a ausência de uma boa governança corporativa pode comprometer o futuro das organizações. É vital estabelecer um plano de sucessão o quanto antes e começar a compartilhar as decisões com os sucessores, permitindo que os mesmos ampliem a visão de negócio, se desenvolvam profissionalmente e disponham de conhecimentos e consistência para dar sequência ao legado da gestão anterior.

Em dada conjuntura, é possível afirmar que é chegada a hora das corporações brasileiras compreenderem a relevância e a seriedade de preparar os sucessores de

forma adequada para que os mesmos estejam aptos a analisar e implementar soluções inovadoras que favoreçam o crescimento dos negócios, preservando, ao mesmo tempo, a essência da organização.

A capacitação garante que o novo líder se posicione de forma eficaz no setor, no negócio e nos processos, de modo que ele inove com confiança, sem perder a oportunidade de aproveitar toda a experiência acumulada pelo predecessor, o que é fundamental para a continuidade e sucesso das empresas.

(*) - É graduada em administração pela UNICID, com especialização pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.